

Prazer & Religião: Adélia e Bataille num diálogo pertinente

Jorge Pinheiro dos Santos

RESUMO

Adélia Prado e Georges Bataille têm preocupações comuns: o cristianismo e o prazer. Cada um a sua maneira, é verdade. Mas, ambos, através da literatura traduzem o paradoxo de, ao contrário do que vê o cristianismo, não considerarem o prazer humano como excrescência. Ao contrário, abordam a vida a partir daí, da experiência marcada pelo prazer. O prazer de viver. Por isso, neste texto partiremos do diálogo possível e necessário entre os dois autores. Tal leitura procura superar a acentuação da teologia do pecado, com a conseqüente culpa infindável, que perpassa a tradição cristã, no mínimo, pós-agostiniana. Aliás, a tradição cristã traduz este tropeço, uma vez que em sua metanarrativa fundante pesa a sombra de um instrumento de tortura, a cruz. Mas sem negar a dor e o mal, talvez seja possível, mesmo no cristianismo, recuperar o prazer de viver. Por isso, consideramos o diálogo Adélia/Bataille pertinente.

ABSTRACT

Adélia Prado and Georges Bataille, each in their own way, has common concerns: Christianity and pleasure. But, both, through literature, translate the paradox of, and in contrast to what Christianity sees, not considering human pleasure as superfluous. On the contrary, they approach life from the perspective of an experience marked by pleasure, the pleasure of living. Therefore, in this text we will begin with the possibility and necessity of dialog between the two authors. Such a reading seeks to overcome the accentuation of a theology of sin, with its consequent tendency toward endless guilt, that penetrates Christian tradition, at least in its post-Augustinian expressions. In fact, Christian tradition translates this stumble, that in its metanarrative gives considerable weight to the shadow of an instrument of torture, the cross. But without denying pain and evil, it may be possible, even in Christianity, to recover the pleasure of living. Therefore, we consider pertinent the dialogue between Adélia and Bataille.

Introdução

Até que ponto o comportamento humano é tão diferente do comportamento dos animais? Logicamente, responder a esta pergunta, positiva ou negativamente, nos leva a discutir se de fato há liberdade e responsabilidade no comportamento humano. Se voltarmos, por exemplo, a Baruch Spinoza o comportamento humano deve ser descrito em termos de causas mecanicistas, como os demais fenômenos da natureza [1] . E bom passa a ser apenas uma palavra para descrever coisas que nos dão prazer e mau coisas que nos causam dor [2] .

Talvez seja necessário partir daí, da experiência marcada pelo prazer. O prazer de viver. Tal leitura procura superar a acentuação de uma teologia do pecado, com a conseqüente culpa infundável, que perpassa a tradição cristã, no mínimo, pós-agostiniana. Aliás, a tradição cristã traduz este tropeço, uma vez que em sua metanarrativa fundante pesa a sombra de um instrumento de tortura, a cruz. Mas sem negar a dor e o mal, talvez seja possível, mesmo no cristianismo, recuperar o prazer de viver. Ou, como disse Gonzaguinha, “viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será. Mas isso não impede que eu repita: é bonita, é bonita e é bonita”. (O que é o que é, Gonzaguinha).

Assim, prazer, do latim *placere*, traduz a idéia de emoção agradável que resulta da atividade satisfeita, inclusive de gozo sensual, mas por oposição nos lembra dor e aflição. Nesse sentido, costumamos chamar aquele prazer que envolve a sexualidade de erotismo, já que aí está implícita a idéia de amor sensual. Por isso, erotismo pode ser considerado a indução ou tentativa de indução de sentimentos, mediante sugestão, simbólica ou alusiva, da questão sexual, o que nos leva ao prazer erótico na literatura [3] .

Daí que neste ensaio sobre o prazer, partiremos de dois mal-compreendidos, uma poeta brasileira de primeira grandeza, Adélia Prado, e um filósofo francês, Georges Bataille. Ambos de formação católica, acusados de excessivamente prazerosos por críticos e teólogos. Por isso, tal diálogo é pertinente.

Adélia Luzia Prado de Freitas nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, em 1935. Suas obras principais são *Solte os Cachorros*, conto, de 1977, *O Coração Disparado*, poesia, de 1978, *Poesia: Bagagem*,

de 1979, e *Cacos para um Vitral*, romance, de 1980. Depois de anos sem publicar, lançou *Oráculos de Maio*, uma coletânea de poemas, e *Manuscritos de Felipa*, um texto curto, que ela definiu como experiência literária e religiosa

Adélia escreve para dialogar com Deus. O leitor entra só como testemunha e até um pouco como invasor. Mas, apesar dos fortes laços que tem com a religião, Adélia considera-se uma poeta e não uma profeta. “Meu projeto sempre foi escrever”, ela diz.

Não a afeta que parte da crítica e também da comunidade dos poetas, fiéis a um velho preconceito, ainda a considerem mais evangelista do que escritora.

Seus poemas e sua prosa são, a rigor, longas conversas com Deus. E faz questão de dizer que não separa a experiência literária da experiência religiosa. “Muitos poetas, aqueles que se dizem ateus, apesar da grande poesia que fazem, não ligam uma coisa à outra. Mas a poesia é um fenômeno de natureza religiosa, pois tem um papel fundador, que me conecta ao centro do ser. Deus é o grande problema e a grande platéia, tanto que eu engano os críticos. Mas não engano Deus” [4] .

Georges Bataille, 1897-1962, nasceu em Billom, Puy-de-Dôme, França. Filósofo e escritor francês, ficou conhecido como o metafísico do mal. Sua obra está marcada por três experiências centrais: a experiência cristã de sua formação católica e jesuítica, a experiência estética no âmbito do surrealismo e a experiência política de esquerda. Escreveu sobre sexo, morte, degradação e as potencialidades do prazer.

Considerava que o objetivo de todo intelectual, artista e teólogo, deveria ser a aniquilação da racionalidade em um ato violento, transcendental de comunhão. Bataille cursou teologia, com a intenção de ser padre, participou do movimento surrealista, mas acabou por se dedicar à sociologia, religião e literatura. Fundou e editou jornais. Foi o primeiro a publicar pensadores como Barthes, Foucault e Derrida. Casou-se duas vezes. Depois de divorciar-se de Silvia Maldés, sua primeira esposa, esta se casou com o psicanalista Jacques Lacan. Com sua segunda esposa, Diane de Beauchanais, teve uma filha.

Uma de suas obras mais polêmicas é *Historie de l’oeil* (1928), que foi filmada, e que influenciou, entre outros, a filmografia do diretor japonês Nagisa Oshima (*Império dos Sentidos*) e a produção do cantor

pop islandês Björk Guðmundsdóttir. Outras obras importantes são *Le bleu du ciel* (1945), *L'abbé* (1950). No campo da religião produziu um clássico chamado *O Erotismo*. Sua bibliografia é muito vasta e influenciou alguns dos principais pensadores modernos, que não lhe poupam elogios, como Jürgen Habermas, Barthes, Foucault e Derrida. Um ano antes de sua morte, em 1961, Pablo Picasso, Max Ernst e Juan Miró organizaram um leilão de pinturas para ajudar Bataille a superar suas dificuldades financeiras. Bataille morreu em Paris no dia 8 de julho de 1962.

Em *O Erotismo*, Bataille apresenta uma chave de análise dos aspectos fundamentais da natureza humana, o ponto limite entre o natural e o social, o humano e o inumano. Bataille vê a experiência do prazer como aquela que permite ir além de si mesmo, superar a descontinuidade que condena o ser humano. E a partir dessa constatação, se propõe tratar da questão sob três perspectivas, o prazer dos corpos, o prazer dos corações e o prazer sagrado, já que o desafio é substituir o isolamento do ser, a sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda.

A santidade do prazer

A religiosidade primitiva, para Bataille, extraiu das proibições o espírito da transgressão, enquanto, a religiosidade cristã se opôs ao espírito de transgressão. A visão de bom e mau, prazer e pecado, nos limites do cristianismo está ligada a esta relativa oposição [5] .

Há no cristianismo um movimento duplo. Nos seus fundamentos o cristianismo quis abrir-se às possibilidades dum amor que era princípio e fim. Quis encontrar em Deus a continuidade perdida, invocar os delírios rituais para além das violências reguladas, o amor total e sem cálculo dos fiéis. Os homens, transfigurados pela continuidade divina, eram chamados, em Deus, a amarem-se uns aos outros.

Assim, o cristianismo jamais abandonou a esperança de levar este mundo de descontinuidade ao reino da continuidade, abraçado pelo amor. O movimento inicial da transgressão derivou no cristianismo na visão duma superação da violência, que foi. transmutada no seu próprio contrário [6] . Há neste sonho algo de sublime e trágico.

E para Adélia Prado, poética e religião se cruzam. Na verdade, ela vai além. Não separo, para mim elas são a mesma coisa. Muitos poetas, aqueles que se dizem ateus, apesar da grande poesia que fazem, não ligam uma coisa à outra. Mas a poesia é um fenômeno de natureza religiosa, pois tem um papel fundador, que me conecta ao centro do ser. Deus é o grande problema e a grande platéia, tanto que eu engano os críticos. Mas não engano Deus [7] .

Talvez por isso, ela é poeta e profeta, que vê imbricamentos e destinos que se costuram no ofício que exerce. Eu entendo a poesia como um oráculo, a fala de uma divindade. Como posso dissociar as duas coisas? Mas sei que, porque não dissocio, corro o risco de ser vista como uma catequista e não uma poeta. Estou fazendo uma poesia na qual o religioso é forte? Estou. Mas é poesia? É poesia. Eu sou catequista, sim, mas em outras horas [8] .

E por ser religiosa e poeta, profeta e escritora, acaba desagradando aos críticos que olham desconfiados essa poesia deslavadamente religiosa e aos religiosos que acham excessivamente prazerosos os oráculos desta senhora mineira.

Sem dúvida, o prazer permeia os seus textos, prosa ou poética, de forma desafiadora. Tenho um pouco de pudor de contar, mas só um pouco, porque sei que vou acabar contando mesmo. É porque lá em casa a gente não podia falar nem diabo, que levava sabão, quanto mais... ah, no fim eu falo [9] .

Voltando a Bataille, a transgressão é a desordem organizada, na medida em que introduz num mundo organizado algo que o ultrapassa. Mas essa organização, fundada no trabalho, tem por base a descontinuidade do ser. O mundo organizado do trabalho e o mundo da descontinuidade são o mesmo mundo. Se os utensílios e produtos do trabalho são coisas descontínuas, aquele que se serve do utensílio e fabrica produtos é também um ser descontínuo e a consciência da sua descontinuidade aprofunda-se na utilização e criação de objetos descontínuos. E é no mundo descontínuo do trabalho que a morte se revela: já que para quem trabalha a descontinuidade se faz presente, com poder, através da morte [10] . Ela é tragédia elementar que evidencia a inaniidade do ser descontínuo.

E a partir de poema *Moça na sua cama*, podemos ver como prazer, transgressão e descontinuidade se cruzam na poética de Adélia Prado.

Papai tosse, dando aviso de si,/ vem examinar as tramelas, uma a uma./ A cumeeira da casa é de peroba do campo,/ posso dormir sossegada. Mamãe vem me cobrir,/ tomo a bênção e fujo atrás dos homens,/ me contendo por usura, fazendo render o bom./ Se me tocar, desencadeio as chusmas,/ os peixinhos cardumes./ Os topázios me ardem onde mamãe sabe,/ por isso ela me diz com ciúmes:/ dorme logo, que é tarde [11] .

Ao reduzir o sagrado, o divino, à pessoa descontínua de um Deus criador, o cristianismo foi longe e transformou o outro mundo num local onde se prolongavam todas as almas descontínuas [12] . Povoou céus e infernos de multidões condenadas à descontinuidade eterna de cada ser isolado. Eleitos e condenados, anjos e demônios, transformaram-se em fragmentos, para sempre divididos, para sempre distintos uns dos outros, para sempre desligados dessa totalidade do ser à qual era contudo necessário religá-los.

Assim, o dilema está colocado: como continuar religioso sem perder o prazer? Tal como a proibição criou, na violência organizada das transgressões, o prazer inicial, proibindo a transgressão organizada, o cristianismo aprofundou os graus da perturbação sensual. E tal dilema está exposto em *Moça na cama*.

Sim, mamãe, já vou:/ passear na praça sem ninguém me ralar./ Adeus, que me cuido, vou campear nos becos,/ moa de moços no bar, violão e olhos/difíceis de sair de mim./ Quando esta nossa cidade ressonar em neblina,/os moços marianos vão me esperar na matriz./ O céu é aqui, mamãe./ Que bom não ser livro inspirado/o catecismo da doutrina cristã,/ posso adiar meus escrúpulos/e cavalgar no torpor/dos monsenhores podados./ Posso sofrer amanhã/ a linda nódoa de vinho/ das flores murchas no chão [13] .

E o prazer se ligou à transgressão. Mas o mal não é a transgressão, é a transgressão condenada. O mal é o pecado. E o pecado de que fala

Baudelaire [14] . As narrativas dos sabbats, por exemplo, correspondem a uma procura do pecado. Sade negou o mal e o pecado [15] . Mas teve que introduzir a idéia de irregularidade para transmitir o desencadeamento da crise voluptuosa. Teve de recorrer à blasfêmia. Sentiu que a profanação era inócua, se o blasfemo negava o caráter sagrado do bem, que pretendia macular. A necessidade e a impotência das blasfêmias de Sade são significativas. A Igreja negou o caráter sagrado do prazer, encarado como transgressão.

Por isso, filósofos e poetas negaram o que a Igreja considerava sagrado [16] . Nessa negação, a Igreja perdeu em parte o poder religioso de evocar uma presença sagrada: perdeu-o na medida em que o diabo deixou de estar na base duma perturbação fundamental. Ao mesmo tempo, os espíritos livres deixaram de acreditar no mal. Desse modo, encaminham-se para um estado de coisas em que o prazer, deixando de ser um pecado, deixava de poder encontrar-se na certeza de fazer o mal, o que implica a destruição da sua própria possibilidade. Num mundo profano só haverá mecânica animal. A consciência do pecado pode manter-se, mas só se mantém ligada à consciência de um logro. O que nos leva, de novo, à Moça na cama.

As fábricas têm os seus pátios,/ os muros têm seu atrás./ No quartel são gentis comigo./ Não quero chá, minha mãe,/ quero a mão do frei Crisóstomo/ me ungiendo com óleo santo./ Da vida quero a paixão./ E quero escravos, sou lassa./ Com amor de zanga e momo/ quero minha cama de catre,/ o santo anjo do Senhor,/ meu zeloso guardador./ Mas descansa, que ele é eunuco, mamãe [17] .

Ultrapassar uma situação não pode significar regressos ao ponto de partida. Há na liberdade a impotência da liberdade, mas nem por isso a liberdade deixa de ser disposição de nós por nós próprios. As ações dos corpos podem, na lucidez, abrir-se, apesar dum empobrecimento, à recordação inconsciente duma metamorfose infundável, cujos aspectos não deixarão de estar disponíveis [18] . O prazer dos corações, o prazer mais ardente, ganhará aquilo que o prazer dos corpos tiver perdido, o que nos remete à fêmea do louva-a-deus como heroína sadiana [19] .

O prazer da santidade

O prazer nos deixa na solidão. Prazer é aquilo sobre que é difícil falar. Por razões que não são meramente convencionais, o prazer, principalmente o dos corpos, é definido pelo segredo [20] . Não pode ser público. Tal experiência prazerosa situa-se fora da vida de todos os dias. No conjunto da nossa experiência, permanece separada da comunicação que fazemos das nossas emoções. Trata-se de tabu. Evidentemente que nada é completamente tabu, há sempre transgressões. Mas o tabu intervém para que se possa dizer que o prazer, sendo intensa emoção, na medida em que a nossa existência está presente em nós sob a forma de linguagem, existe como se não existisse.

Há em nossos dias há uma atenuação deste tabu [21] , mas, apesar de tudo, o prazer ficará sempre como algo de exterior, algo que só é possível sob uma condição: sair para mergulhar na solidão, numa separação do mundo em que estamos. Assim, a experiência prazerosa leva ao silêncio.

Não sucede a mesma coisa com a santidade. A emoção experimentada na experiência da santidade pode ser expressa no discurso, pode ser objeto dum sermão. A experiência prazerosa, contudo, talvez seja vizinha da santidade. E Adélia Prado tem consciência disso:

Corro o risco é dos preconceitos, e o preconceito é um inferno. Há pessoas que não têm audição ao que estou falando, e sem ter audição têm opinião. Não tenho medo de virar guru. Para mim, a poesia tem uma qualidade de oráculo. Mas não sou uma divindade, sei que sou só portavoz. Agora, se uma pessoa acreditar que o poema pode curar, é a força da palavra que está curando, não sou eu. Se a poesia faz bem, ótimo, a mim também ela faz muito bem. Eu fico só sofrendo. Se eu fosse grande igual ao Rosa, eu o imitaria, colecionando as críticas ruins de cabeça para baixo. É o que se diz a meu respeito: “Apesar do religioso, até aparece alguma poesia”. Como se o religioso não fosse matéria de poesia. O registro católico, esse sim, é acidental, resulta de minha cultura, de minha herança familiar. O católico é acidental, mas o religioso é essencial. Podia ser budista, islâmica, judaica, mas seria sempre religiosa[22]_ .

Isto não quer dizer que prazer e santidade tenham a mesma natureza [23] . Mas que uma e outra experiência têm uma intensidade extrema. Quando se fala da santidade, fala-se da vida que determina a presença em nós de uma realidade sagrada, de uma realidade que pode nos perturbar completamente. A emoção da santidade e a emoção do prazer, na medida em que ambas têm uma intensidade extrema, nos aproxima de outras pessoas e nos afasta delas, nos deixa na solidão.

A passagem do prazer à santidade tem sentido, afirma Bataille. É a passagem do que é maldito e rejeitado ao que é abençoado e bendito [24] . O prazer é crime solitário, que não salva senão opondo-nos a todos os outros, que não salva senão na euforia de uma ilusão, uma vez que aquilo que no prazer leva ao extremo grau da intensidade atinge-nos ao mesmo tempo com a maldição da solidão. Já a santidade faz sair da solidão, com a condição de aceitar este paradoxo -- *felix culpa!* -- cujo próximo excesso resgata.

Só um desvio permite nestas condições regressar aos nossos semelhantes. Este desvio merece sem dúvida o nome de renúncia, uma vez que no cristianismo não podemos simultaneamente operar a transgressão e gozar dela, e só outros podem gozar dela na condenação da solidão [25] . O acordo com os seus semelhantes só é encontrado pelo cristão sob condição de nunca mais gozar daquilo que o liberta, daquilo que nunca é mais do que transgressão, violação das proibições sob as quais repousa a civilização.

Se seguirmos o caminho indicado pelo cristianismo, considera Bataille, podemos não apenas sair da solidão, mas aceder a uma espécie de equilíbrio, que escapa ao desequilíbrio primeiro e que nos impede de conciliar disciplina e trabalho com a experiência dos extremos [26] . A santidade cristã abre-nos pelo menos a possibilidade de levar até ao fim a experiência desta convulsão final, a morte. Aquele que compreende a importância do prazer apercebe-se que esse valor é o valor da morte. Talvez seja um valor, mas a solidão abafa-o.

Talvez por isso, em 1992, antes de escrever *O Homem da Mão Seca*, Adélia fez seis meses de psicanálise. E ela garante: Já se disse que a religião do futuro será a psicanálise, o autoconhecimento. As igrejas, as instituições vão acabar, a igreja real é dentro de mim. Hoje ainda necessitamos do rito - mas um dia a instituição desaparecerá, para que

se institua a igreja real, que está no coração de cada um. Jung disse que, para que a cura aconteça, o analista deve remeter o paciente à sua religião de origem. Ele descobriu a qualidade curativa da religião, ter um criador para adorar, para a gente não ficar feito boba. Deus é personagem principal em sua obra. Ele está em tudo. Não apenas Ele, mas a fé católica, a reza, a lida cristã [27] .

E assim, na santidade de sua mineirice, Adélia diz que a religião dá sentido à vida, costura minha experiência, me dá horizonte. Acredito que personagens são álter egos, está neles a digital do autor. Mas, enquanto literatura, devem ser todos melhores que o criador para que o livro se justifique a ponto de ser lido pelo seu autor como um livro de outro. Autobiografias das boas são excelentes ficções [28] .

Por isso, para Bataille, o santo vive como se morresse, mas vive a fim de encontrar a vida que é a vida. A santidade é sempre um projeto [29] . Talvez não o seja em essência. A intenção da vida eterna liga-se à santidade como se liga ao seu contrário. Como se, na santidade, só um compromisso permitisse entregar o santo à multidão, entregar o santo a todos os outros: à multidão, ou seja, ao pensamento comum.

Considerações finais

O mais estranho é que possa haver ligação entre a transgressão deliberada e a condição de não se falar dela. Este acordo é encontrado nas religiões arcaicas. O cristianismo inventou um caminho aberto à transgressão que permite se falar da transgressão. Reconhecemos assim que o pensamento, que vai além do cristianismo, tende a negar tudo o que se assemelha à transgressão, a negar tudo o que se assemelha à proibição.

Assim, no plano do prazer, temos a linguagem do prazer, que é negação da proibição, negação da transgressão que gera a proibição. Aqui, a palavra é a negação do que define o humano por oposição ao animal.

E Adélia Prado, majestosamente, nos mostra isso em seu poema Objeto de Amor.

De tal ordem é e tão precioso/ o que devo dizer-lhes/ que não posso guardá-lo/ sem que me oprima a sensação de um roubo:/ cu é lindo!/ Fazei o que puderdes com esta dádiva./Quanto a mim dou graças/ pelo que agora sei/ e, mais que perdô, eu amo [30] .

E quando entrevistada pelo jornalista Pedro Bial [31], em programa televisivo, no dia 27 de dezembro de 1998, ao ouvir a pergunta tantas vezes repetida... como uma senhora mineira, católica e mãe de família, podia usar expressão tão grosseira, Adélia Prado justificou o uso da expressão mal-dita afirmando que a palavra traduzia a sacralização do corpo, templo de Deus, em sua imagem e semelhança.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Adélia Prado

POESIA

Bagagem, São Paulo, Imago, 1976

O coração disparado, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978

Terra de Santa Cruz, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981

O pelicano, Rio de Janeiro, 1987

A faca no peito, Rio de Janeiro, Rocco, 1988

Oráculos de maio, São Paulo, Siciliano, 1999

PROSA

Solte os cachorros, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979

Cacos para um vitral, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980

Os componentes da banda, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984

O homem da mão seca, São Paulo, Siciliano, 1994

Manuscritos de Felipa, São Paulo, Siciliano, 1999

Filandras, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Record, 2001

ANTOLOGIA

Mulheres & Mulheres, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.

Palavra de Mulher, Fontana, 1979

Contos Mineiros, São Paulo, Ática, 1984

Poesia Reunida (Bagagem, O Coração Disparado, Terra de Santa Cruz, O pelicano e A faca no peito), São Paulo, Siciliano, 1991

Antologia da poesia brasileira, Embaixada do Brasil em Pequim, 1994.

Prosa Reunida, São Paulo, Siciliano, 1999

BALÉ

A Imagem Refletida, Balé do Teatro Castro Alves, Salvador, Bahia. Direção Artística de Antônio Carlos Cardoso. Poema escrito especialmente para a composição homônima de Gil Jardim.

Em parceria

A lapinha de Jesus, com Lázaro Barreto, São Paulo, Vozes, 1969

Traduções

Para o inglês

Adélia Prado: thirteen poems. Tradução de Ellen Watson. Suplemento do The American Poetry Review, jan/fev 1984. The headlong heart (Poesias de Terra de Santa Cruz, O coração disparado e Bagagem). Tradução de Ellen Watson, New York, Livingston University Press, 1988,. The alphabet in the park (O alfabeto no parque). Tradução de Ellen Watson, Middletown, Wesleyan University Press, 1990.

Para o espanhol

El corazón disparado (O coração disparado). Tradução de Cláudia Schwartez e Fernando Roy, Buenos Aires, Leviantan, 1994.

Participação em antologias

A poesia mineira no século XX. Assis Brasil (org.). Rio de Janeiro, Imago, 1998. Palavra de mulher, Maria de Lurdes Hortas (org.), Rio de Janeiro, Fontoura, 1989. Sem enfeite nenhum. In Prado Adélia et alii. Contos mineiros. São Paulo, Ática, 1984.

Georges Bataille e outros

Bataille, Georges, O Erotismo, Lisboa, Edições Antígona, 1988.

_____, A literatura e o mal. São Paulo, L&PM, 1989.

_____, Teoria da religião, São Paulo, Ática, 1993.

_____, História do Olho (seguida de Madame Edwarda e O Morto),

São Paulo, Editora Escrita, 1981.

Braaten, Carl E. e Jenson, Robert W., *Dogmática Cristã*, São Leopoldo, Sinodal, 1990, volume 1.

Chauí, Marilena, *Spinoza, uma filosofia da liberdade*, Coleção Logos, São Paulo, Editora Moderna, 1999.

Crespi, Franco, *A experiência religiosa na pós-modernidade*, Bauru, Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998.

Dussel, Enrique, *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*, Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

Eliade, Mircea, *O sagrado e o profano, a essência das religiões*, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

Lowen, Alexander, *Prazer, uma abordagem criativa da vida*, São Paulo, Círculo do Livro, 1994.

Mills, C. Wright, *A nova classe média*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

Monzani, Luiz Roberto, *Desejo e prazer na idade moderna*, Campinas, Ed. Da Unicamp, 1995.

Nietzsche, Friedrich, *Além do bem e do mal, prelúdio a uma filosofia do futuro*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

Otto, Rudolf, *O Sagrado*, Lisboa, Edições 70, 1992.

Pinheiro, Jorge, *Somos a imagem de Deus*, São Paulo, Ágape Editores, 2001.

_____, *Ética e espírito profético*, São Paulo, Igreja sem fronteiras, 2002.

_____, *Os batistas e os desafios da brasilidade, elementos para um discurso*, São Paulo, Igreja sem fronteiras, 2002.

Segundo, Juan Luís, *Que mundo, que homem, que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*, São Paulo, Paulinas, 1995.

Sobrino, Jon, *Espiritualidade da libertação*, São Paulo, Edições Loyola, 1992.

Spinoza, Baruch, *Obras diversas*, in Coleção Os Pensadores, São Paulo, Editora Abril Cultural, 1988.

Jorge Pinheiro Santos é doutorando em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo e membro da Sociedade Paul Tillich do Brasil.

NOTAS

[1] Spinoza dedica ao problema moral e à sua análise os livros III, IV e V da *Ethica*. No livro III faz uma história natural das paixões, isto é, analisa as paixões teoricamente e cientificamente, e não desde um ponto de vista moral. O filósofo deve *humanae actiones non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere*; assim se exprime Spinoza no prólogo ao II livro da *Ethica*. Tal atitude científica, em Spinoza, é favorecida pela concepção determinista da realidade, em virtude da qual o mecanismo das paixões humanas é tão necessário como o mecanismo físico-matemático, e as paixões devem ser tratadas com a mesma serena indiferença que as linhas e superfícies das figuras geométricas.

[2] Na verdade, foi o marquês de Sade (1740-1814), antes de Nietzsche, a dizer que o que move a ação do ser humano é o bom e o ruim. E o bom, para Sade, é tudo o que causa prazer ao indivíduo, ao passo que o ruim não é o que causa desprazer, mas antes o que vai contra à Natureza. Por isso, podemos chegar a Bataille partindo de Spinoza e passando por Sade, para quem a essência do bom é uma inversão de valores, que visa transformar o mundo em outro que se acredita melhor.

[3] João Ubaldo Ribeiro, em entrevista ao jornal português *Diário de Notícias*, de 22/1/2000, conta que uma cadeia de supermercados portuguesa recusou-se a vender seu livro, *A Casa dos Budas Ditosos*, invocando o fato de esta ser pornográfica. Para o escritor tal atitude traduz o fato de que na cultura cristã, “há um sentimento de culpa ligado ao prazer, que tem marcado o pensamento ocidental. A ponto de Epicuro (...) passar a ser olhado com uma certa reserva, por ser o filósofo do prazer. (...) Numa sociedade que suspeita do prazer. É comum nós, cristãos, ou pelo menos de formação cristã e católica, sentirmo-nos desconfiados no momento em que estamos felizes”.

[4] Entrevista a José Castello, *O Estado de S. Paulo*, 22 de maio de 1999.

[5] Georges Bataille, *O Erotismo*, Lisboa, Antígona, 1988, p. 101.

[6] Georges Bataille, *idem*, *op. cit.*, p. 102.

[7] Entrevista a José Castello, *O Estado de S. Paulo*, 22 de maio de 1999.

[8] Entrevista a José Castello, *O Estado de S. Paulo*, 22 de maio de 1999.

[9] De *Afrodísíacos*, Adélia Prado. Texto extraído do livro *Filandras*, Editora Record, Rio de Jan., 2001, p. 53.

- [10] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 103.
- [11] *Moça na sua cama*. Esses versos publicados inicialmente no livro *O Coração Disparado*, foram extraídos de Adélia Prado - *Poesia Reunida*, Editora Siciliano, São Paulo, 1991, pág. 175.
- [12] Georges Bataille, idem, op. cit., p. 104.
- [13] *Moça na sua cama*. Idem, poesia citada.
- [14] Segundo Otto Maria Carpeaux, Baudelaire era “espiritualista porque levou às últimas conseqüências o pecado como condição da alma, ora enfatizando audazmente a dissolução, ora padecendo pelo que a consciência lhe dita. Daí o ser denominado “poeta do tormento humano”, in Jamil Almansur Haddad, *Traços Estéticos in Charles Baudelaire, As Flores do Mal*, São Paulo: Círculo do Livro, 1995.
- [15] “Ser arrebatado não é sempre ativamente resultado do objeto duma paixão. O que destrói um ser arrebatado também; o arrebatamento é sempre, por outro lado, a ruína dum ser que se dera os limites do decoro.” Georges Bataille, *A literatura e o mal*, Sade, Lisboa, Passagens, pp. 106, 107.
- [16] “Onde quer que a neurose religiosa tenha aparecido na terra, nós a encontramos ligada a três prescrições dietéticas perigosas: solidão, jejum e abstinência sexual.” Friedrich Nietzsche, *Além do Bem e do Mal, Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p.53.
- [17] *Moça na sua cama*. Idem, poesia citada.
- [18] Bataille, no prefácio a *História do Olho*, afirma que “eu nada saberei sobre o que acontece, se nada souber sobre o prazer extremo e a extrema dor!”
- [19] Didier Ottinger, *Retrato da fêmea do louva-a-deus como heroína sadiana*, nos conta que “em maio de 1934, a revista *Minotaure* traz efetivamente um estudo de Roger Caillois: “*La mante religieuse, de la biologie à la psychanalyse*”, em que o autor fornece aos futuros exegetas do louva-a-deus as chaves de sua interpretação sadiana. Um ano mais tarde, o artigo desenvolvido constituirá um capítulo da obra de Caillois, *O mito e o homem*. Se lhe aplicássemos as apreciações típicas de André Breton, o louva-a-deus pertenceria sem dúvida alguma à categoria dos “obcecados”. Caillois nos ensina que o inseto é um matador apenas por lubricidade. Cita o entomólogo Raphael Dubois, de

acordo com quem um acridídeo, se decapitado, executa melhor e mais demoradamente os movimentos reflexos e espasmódicos próprios da cópula. Os biólogos F. Goltz e H. Busquet, a partir dessa constatação, se indagam se “a fêmea do louva-a-deus, ao decapitar o macho antes do acasalamento, não teria por finalidade obter, mediante a ablação dos centros inibidores do cérebro, execução mais prolongada e melhor dos movimentos espasmódicos do coito, de tal forma que, em última análise, fosse o próprio princípio do prazer que lhe ordenasse a morte do amante”. R. Caillois, *Le mythe et l’homme*, Coleção Essais, 1ª ed. 1938, Paris: Gallimard, 1996, p.54-55. [www.uol.com.br/bienal/24bienal/nuh/pnuhdad0301.htm#notas].

[20] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 223.

[21] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 223.

[22] Entrevista a José Castello, *O Estado de S. Paulo*, 22 de maio de 1999.

[23] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 224.

[24] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 231.

[25] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 231.

[26] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 231.

[27] Entrevista a José Castello, *O Estado de S. Paulo*, 22 de maio de 1999.

[28] Entrevista a José Castello, *O Estado de S. Paulo*, 22 de maio de 1999.

[29] Georges Bataille, *O Erotismo*, op. cit., p. 232.

[30] Adélia Prado, *Poesia reunida*, São Paulo, Editora Siciliano, 2001, p. 321.

[31] Entrevista a Pedro Bial, 27 de dezembro de 1998, em programa de televisão transmitido pela TV Globo de assinaturas.